

CUIDADOS PALIATIVOS JUNTO À CRIANÇA COM CÂNCER
PALLIATIVE CARE FOR CHILDREN WITH CANCER
CUIDADOS PALIATIVOS PARA NIÑOS CON CÁNCER

Ana Carolina dos Santos Silva

ORCID:

Centro Universitário de Volta Redonda, Brasil

E-mail.:

Marcela Bertholdo Alexandre

ORCID:

Centro Universitário de Volta Redonda, Brasil

E-mail.:

Rosemeire Lilane Cristina Marcilio

ORCID:

Centro Universitário de Volta Redonda, Brasil

E-mail.:

RESUMO

Objetivo: Identificar e analisar produções bibliográficas acerca dos cuidados junto à criança com câncer afim de discutir a relação entre cuidados paliativos e o cuidar da enfermagem. Metodologia: trata-se de um levantamento bibliográfico acerca dos cuidados paliativos na criança com câncer. Consiste em uma pesquisa bibliográfica explicativa, descritiva, com uma abordagem qualitativa. Resultados: Após o levantamento, foi possível identificar os estudos existentes nos catálogos, com recorte temporal de 2000 a 2017. No que tange aos estudos foram selecionados um total de 11 artigos com abordagem direta da temática em pauta. Ao final da análise, os artigos foram reunidos em três categorias: O enfermeiro nos cuidados paliativos, A família da criança com câncer e Cuidado humanizado. Conclusão: O papel do enfermeiro no cuidado à criança com câncer é fundamental para a realização de uma prática humanizada e a aplicação de um cuidado paliativo. Faz-se necessário que os enfermeiros tenham capacitação contínua e de caráter permanente para lidar com a doença, perdas, familiares e o vínculo com a criança com diagnóstico de câncer.

Palavras-chave: Cuidados paliativos; Enfermagem oncológica; Enfermagem pediátrica.

ABSTRACT

Objective: To identify and analyze bibliographic productions about care for children with cancer in order to discuss the relationship between palliative care and nursing care. **Methodology:** this is a bibliographic survey about palliative care for children with cancer. It consists of an explanatory, descriptive bibliographic search, with a qualitative approach. **Results:** After the survey, it was possible to identify the existing studies in the catalogs, with a time frame from 2000 to 2017. Regarding the studies, a total of 11 articles were selected with a direct approach to the topic at hand. At the end of the analysis, the articles were grouped into three categories: Nursing in palliative care, The family of the child with cancer and Humanized care. **Conclusion:** The role of nursing in the care of children with cancer is fundamental for the realization of a humanized practice and the application of palliative care. It is necessary that nurses have continuous and permanent training to deal with the disease, losses, family members and the link with the child diagnosed with cancer.

Keywords: Palliative care; Oncology nursing; Pediatric nursing.

RESUMEN

Objetivo: Identificar y analizar producciones bibliográficas sobre el cuidado del niño con cáncer para discutir la relación entre cuidados paliativos y cuidados de enfermería. **Metodología:** se trata de una encuesta bibliográfica sobre cuidados paliativos para niños con cáncer. Consiste en una búsqueda bibliográfica explicativa, descriptiva, con enfoque cualitativo. **Resultados:** Luego de la encuesta, fue posible identificar los estudios existentes en los catálogos, con un período de tiempo de 2000 a 2017. En cuanto a los estudios, se seleccionaron un total de 11 artículos con un abordaje directo del tema en cuestión. Al final del análisis, los artículos se agruparon en tres categorías: Enfermería en cuidados paliativos, La familia del niño con cáncer y Cuidados humanizados. **Conclusión:** El papel de la enfermería en el cuidado del niño con cáncer es fundamental para la realización de una práctica humanizada y la aplicación de los cuidados paliativos. Es necesario que las enfermeras tengan una formación continua y permanente para afrontar la enfermedad, las pérdidas, los familiares y el vínculo con el niño diagnosticado con cáncer.

Palabras llave: Cuidados paliativos; Enfermería oncológica; Enfermería pediátrica.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, discussões sobre o tema câncer vêm ganhando ênfase na sociedade, principalmente quando se trata das inovações e possibilidades de cura/tratamento.

No entanto, a cura, por vezes, torna-se impossível, e a morte, conseqüentemente inevitável (AVANCI, 2009).

O Instituto Nacional do Câncer, define câncer como sendo um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células que invadem os tecidos e órgãos, podendo espalhar-se para outras regiões do corpo, caracterizando metástase. Dividindo-se rapidamente, estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, determinando a formação de tumores (acúmulo de células cancerosas) ou neoplasias malignas. Por outro lado, um tumor benigno significa simplesmente uma massa localizada de células que se multiplicam vagarosamente e se assemelham ao seu tecido original, raramente constituindo um risco de vida (INCA, 2019).

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, o câncer é a segunda principal causa de morte no mundo e foi responsável por 9,6 milhões de óbitos em 2018. A nível global, uma em cada seis mortes são relacionadas a esta doença, e, aproximadamente 70% delas ocorrem em países de baixa e média renda (OPAS, 2018).

Em consonância, pode-se dar uma atenção especial ao câncer infanto-juvenil. Segundo o INCA, consiste na proliferação descontrolada de células anormais, porém diferentemente do câncer do adulto, o câncer infantojuvenil geralmente afeta as células do sistema sanguíneo e os tecidos de sustentação. Pela sua maioria ser de natureza embrionária, os tumores na criança e no adolescente são constituídos de células indiferenciadas, o que, geralmente, proporciona melhor resposta aos tratamentos atuais (INCA, 2020).

A grande problemática é que o que dificulta, em muitos casos, a suspeita e o diagnóstico do câncer nas crianças e nos adolescentes é o fato de sua apresentação clínica ocorrer por meio de sinais e sintomas inespecíficos que são comuns a outras doenças benignas mais frequentes na infância (BRASIL, 2017).

Françoso aborda em seu texto, as modificações na vida da criança no cenário da enfermidade:

A criança com câncer depara-se com a morte iminente a todo tempo. Quando tem a percepção que algo grave está lhe acontecendo, devido às mudanças em seu próprio corpo ou diante da morte de outras crianças, companheiros de tratamento. Alguns não reagem da forma esperada aos tratamentos

disponíveis, aqueles cuja doença evolui independentemente das perspectivas de curas existentes. Outras em determinado momento do tratamento apresentam problemas decorrentes do próprio, não resistindo aos efeitos tóxicos das drogas quimioterápicas. Algumas apresentam recaídas no decorrer do tratamento, outras apresentam após seu término, e a doença retorna e torna-se mais difícil tratar. E também, há crianças cujo prognóstico é negativo desde o momento do diagnóstico, dado o tipo e/ou extensão do câncer que a acomete (Françoso, 2002).

Por conseguinte, a criança deixa, temporariamente, de realizar as atividades que fazem parte de seu mundo, como ir à escola, brincar e conviver com a sociedade, e o seu universo passa a ser o tratamento, as consultas e o hospital. Por sua vez, ela estabelece um vínculo e uma familiaridade com o ambiente hospitalar devido às internações recorrentes e ao tempo de duração destas. Para tal, os profissionais desses serviços desenvolvem vínculos e conhecem particularidades da criança, identificando suas necessidades para, assim, prestarem um cuidado com qualidade (PEDRO, 2005).

O câncer infantil, se diagnosticado precocemente, apesar da realidade otimista tem 70% de chance de cura, é uma doença rara e pode resultar na morte de crianças e adolescentes. Estima-se que no ano de 2020, a cada 1 milhão de crianças e adolescentes, teriam 8460 novos casos de câncer. Dessa forma, o câncer infantil, foi considerado pelo INCA em 2016, como a principal causa de morte por doença em crianças abaixo de 15 anos de idade. Esses dados expressivos e alarmantes colocam as neoplasias infantis na segunda posição de óbitos, ficando abaixo somente das mortes por causas externas (INCA, 2020) reafirmando o quanto a morte está presente.

Dessa forma, percebe-se a importância de incluir cuidados paliativos à criança com câncer, sendo considerado papel de grande relevância do enfermeiro, uma vez que estes têm como filosofia valorizar a vida e encarar a morte como um processo natural, não adiando e nem prolongando a morte, mas amparando o ser em suas angústias e oferecendo suporte para que os pacientes possam viver o mais ativamente possível, ajudando a família e os cuidadores no processo de luto (BERTACHINI, 2010).

Com essa temática, a pesquisa poderia abordar o discurso de enfermeiros sobre o câncer, ou ainda destacar a fala de docentes e discentes de enfermagem sobre a criança com câncer, entretanto optou-se por realizar o levantamento bibliográfico acerca dos cuidados paliativos na criança com câncer, pois percebe-se a real necessidade de se realizar um estudo acerca dos cuidados paliativos nesse grupo.

Surgem assim, como questões norteadoras da pesquisa: O que a literatura revela acerca dos cuidados paliativos na criança com câncer?

Para responder esse questionamento, foram traçados como objetivos do estudo: Identificar na produção bibliográfica e analisar, trabalhos com a temática voltada para os cuidados à criança com câncer.

Espera-se com este estudo contribuir fornecendo informações acerca dos cuidados paliativos junto às crianças com câncer; despertar uma reflexão crítica junto aos cuidadores quanto à necessidade de criar estratégias para o bem estar das crianças durante todo o cuidado paliativo, além de fomentar discussões entre docentes e pós-graduandos em oncologia sobre a importância dos cuidados paliativos de qualidade a essa clientela.

Em consonância pode-se realizar uma comparação da teoria de Callista Roy com o presente estudo. Percebe-se que o paciente vítima de uma doença que compromete sua vida, acarreta a necessidade de desenvolver comportamentos adaptativos para lidar com o novo cenário. A teoria de Callista Roy é baseada no modelo de adaptação e conforme abordado por Oliveira et al (2017), o enfermeiro avaliará o comportamento desse paciente, identificando estímulos internos e externos, de tal forma que identifique diagnósticos de enfermagem, sendo possível desenvolver metas e planejamentos, quando relacionados ao julgamento da adaptação de cada paciente.

Percebe-se que o enfermeiro tem maior aproximação do paciente por prestar cuidados diretamente. Sendo assim, tem a missão de observar, identificar, diagnosticar segundo a enfermagem, desenvolver metas e planos de intervenções, sendo esta uma importante ferramenta na oferta do cuidado paliativo e adaptativo do paciente.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um levantamento bibliográfico acerca dos cuidados paliativos na criança com câncer. Consiste em uma pesquisa bibliográfica explicativa, descritiva, com uma abordagem qualitativa.

Michel (2015) define a pesquisa qualitativa, como sendo:

Aquela que se propõe a colher e analisar dados descritivos, obtidos diretamente da situação estudada; enfatiza o processo mais que o resultado, para o que precisa e retrata a perspectiva dos participantes. Na pesquisa qualitativa, verifica-se a realidade em um contexto natural, tal como ocorre na vida real, procurando dar sentido aos fenômenos ou interpretá-los, de

acordo com os significados que possuem para as pessoas implicadas nesse contexto. (MICHEL, 2015)

A fim de identificar as publicações que compuseram o corpus da pesquisa, realizou-se o levantamento dos artigos nas fontes bibliográficas da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que integra as seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (*Medline*), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (*Lilacs*) e Base de Dados de Enfermagem (*BDEF*).

A estrutura da pesquisa em cada base de dados foi conduzida por meio dos descritores controlados pelo DeCS: “Cuidados Paliativos”, “Enfermagem Oncológica”, “Enfermagem Pediátrica”, cruzados entre si e em todas as possibilidades. Foram encontrados 12 artigos com a utilização dos seguintes filtros: texto completo e disponível, bases de dados supracitadas, idioma português e espanhol, artigos e dissertação, selecionou-se 11 artigos. Vale ressaltar que o período de publicação foi delimitado nesta fase, incorporando os anos de 2000 a 2017.

A etapa de seleção dos estudos envolveu a leitura crítica e atenta dos artigos na íntegra, aplicando os seguintes critérios: 1) Inclusão – estudos originais, publicados nos anos de 2000 a 2017, que abordassem o conceito de Cuidados paliativos a criança com câncer; e 2) Exclusão - não atendessem aos critérios de inclusão e estivessem duplamente indexados nas bases.

Inicialmente foi feita uma leitura flutuante dos artigos selecionados, e logo em seguida foi realizada uma leitura analítica dos artigos, a fim de interpretar os dados. Após, foi possível construir as seguintes categorias temáticas: O enfermeiro nos cuidados paliativos; A família da criança com câncer e; O cuidado humanizado.

O levantamento dos dados foi realizado nos meses de março a maio de 2020.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o levantamento, foi possível identificar os estudos existentes nos catálogos, com recorte temporal de 2000 a 2017. No que tange aos estudos foram selecionados um total de 11 artigos com abordagem direta da temática em pauta.

Há destaques para estudos voltados para os cuidados paliativos e humanizados, além da relação da família no enfrentamento ao câncer infantil.

As publicações que foram sujeitas a análise encontram-se listadas no Quadro 1, sendo composto pelo autor, título do artigo, revista e ano de publicação e o objetivo do estudo.

Quadro 1- Textos que compuseram a revisão. Volta Redonda/ RJ/ Brasil, 2020.

Autor	Título	Revista; Ano	Objetivo
Lopes, LF; Camargo B.; Bianchi A	Os efeitos tardios do tratamento do câncer infantil	Rev.Assoc.Med.Brasil; 2000	Desenvolver um artigo de revisão sobre os efeitos tardios do tratamento em criança com câncer
Lopes, VF; Silva, JLL; Andrade, M.	A percepção de profissionais de enfermagem sobre cuidados paliativos ao cliente oncológico pediátrico fora de possibilidade de cura: um estudo na abordagem fenomenológica das relações humanas	Online Braz J Nurs; 2007	Descrever a concepção dos enfermeiros acerca dos cuidados paliativos.
Teles, SS; Valle, ERM	Adulto sobrevivente de câncer infantil: uma revisão bibliográfica	Psicol. Estud. [online]; 2009	Investigar, na literatura científica do período de janeiro de 2000 a abril 2007, artigos que abordam a temática de adultos sobreviventes a câncer infantil, a fim de traçar um panorama do que está sendo pesquisado e publicado na área, verificando a existência de tendências e possíveis lacunas
Avanci, BS; Carolindo, FM; Goes, FGB; Cruz Neto, NP	Cuidados paliativos à criança oncológica na situação do viver/morrer: a ótica do cuidar em enfermagem	Esc. Anna Nery [online]; 2009	Conhecer a percepção do enfermeiro diante da criança com câncer sob cuidados paliativos; e discutir como essa percepção do enfermeiro interfere nos cuidados prestados à criança com câncer sob cuidados paliativos.
Monteiro, ACM	O enfermeiro e a criança no contexto da doença oncológica fora de possibilidade de cura atual.	Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – UFRJ; 2012	Analisar compreensivamente o cuidado do enfermeiro à criança hospitalizada portadora de doença oncológica fora de possibilidade de cura atual.
Mutti, CF; Padoin, SMM; de Paula, CC	Espacialidade do ser-profissional-de-enfermagem no mundo do cuidado à criança que tem câncer.	Esc. Anna Nery; 2012	Compreender o significado para equipe de enfermagem de cuidar de crianças que têm doença oncológica avançada, cuja enfermidade não responde mais aos tratamentos curativos.
França, JRFS	Cuidados paliativos à criança com câncer.	Rev. Enferm. UERJ; 2013	Compreender a experiência existencial de enfermeiros, no cuidar de crianças com câncer sem possibilidades terapêuticas.
Cervellin, AF; Kruse,, MHL	Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: conhecer para governar.	Esc. Anna Nery; 2014	Conhecer os discursos sobre espiritualidade e religiosidade que circulam nos livros sobre Cuidados Paliativos, e saber como tais dispositivos operam produzindo verdades.
Monteiro, ACM et al	A atuação do enfermeiro junto à criança com câncer: cuidados paliativos.	Rev. enferm. UERJ, 2014	Conhecer a ação de cuidar do enfermeiro à criança com câncer em cuidados paliativos
Nickel, L et al	Grupos de pesquisa em	Esc. Anna Nery; 2016	Caracterizar os grupos de pesquisa brasileiros em

	cuidados paliativos: a realidade -brasileira de 1994 a 2014.		Cuidados Paliativos cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Semtchuck, A.L.D; Genovesi, FF; Santos, JL	Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: Revisão integrativa.	Rev. Urug.Enferm; 2017	Verificar nas principais bases de dados da literatura científica quais as evidências relacionadas à criança com câncer em cuidados paliativos, tendo um enfoque maior na ação da equipe de Enfermagem.

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras (2020).

Para compor a amostra final foram selecionados 9 artigos de relevância acerca do tema, sendo 1 dissertação. 66,66% dos artigos abordavam a temática de cuidados paliativos, 11,11% aborda o enfermeiro frente ao tratamento da criança com câncer, 11,11% aborda o adulto vítima do câncer na infância e 11,11% aborda os efeitos do câncer na criança.

Após análise minuciosa de cada publicação, emergiram três categorias para serem discutidos: O enfermeiro nos cuidados paliativos, A família da criança com câncer e Cuidado humanizado.

O enfermeiro nos cuidados paliativos

Nessa categoria pôde-se observar a importância da relação interpessoal no processo de cuidados paliativos da criança com câncer e de sua família que está sempre presente. O enfermeiro está diretamente ligada aos cuidados paliativos prestados ao paciente oncológico.

Percebe-se que por vezes, os maiores desafios enfrentados estão relacionados com o psicológico e a dificuldade em lidar com tal patologia e situação em que a criança se encontra. É uma doença que acomete qualquer faixa etária e o enfermeiro precisa estar preparado psicologicamente para que seja possível prestar cuidados a criança e respaldos ao seu acompanhante.

O cuidado paliativo tem como principal objetivo, trazer bem estar ao paciente, buscando melhorar a qualidade de vida diante de sua condição atual.

A partir da singularidade de cada criança, o profissional enfermeiro deve compreender os fatores envolvidos na trajetória do paciente e de seus familiares, de forma a oferecer apoio, acolhimento e ajuda para a superação desse momento (SEMTCHUCK et al, 2017).

Avanci cita em seu texto a definição de cuidados paliativos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como sendo uma abordagem que visa melhorar a qualidade de vida dos

pacientes e familiares que enfrentam problemas associados à doença que põem em risco a vida (AVANCI, 2009). Pode-se complementar com a abordagem de França, cujo resalta que os cuidados paliativos visam abranger todas as necessidades do paciente (nos limites possíveis) num encontro existencial, em que haja interrelação e o máximo de segurança entre o ser que cuida e o que é cuidado (FRANÇA et al, 2013). A assistência paliativa é voltada ao controle de sintomas, sem função curativa, com vistas a preservar a qualidade até o final da vida (AVANCI, 2009).

Essa abordagem é feita por meio de prevenção e alívio do sofrimento, pela identificação precoce, avaliação correta e de tratamento da dor e de outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual, tendo enfoque nas necessidades e não nos diagnósticos dos pacientes (AVANCI, 2009).

Estudos demonstram que ser sobrevivente de câncer infantil implica em maior risco de desenvolver uma segunda neoplasia. Esta temática foi recorrente nos artigos, o que mostra a preocupação de compreender e conhecer as variáveis de risco e assim poder amenizar o impacto dessas variáveis em tratamentos posteriores (TELLES & VALLE, 2009). Porém Semtchuck et al, diz que é errado supor que não há nada mais a ser feito pelo paciente sem perspectiva terapêutica. Enquanto existir vida, existirá a necessidade de cuidado (SEMTCHUCK et al, 2017).

A filosofia dos Cuidados Paliativos, é integrar a morte na vida e se contrapõe a obstinação terapêutica e ao culto idolátrico dos aspectos biológicos. A ideia não é apressar ou adiar a morte, mas buscar o alívio da dor e outros sintomas, oferecendo estratégias para que os pacientes vivam sem deixar com que a vida seja resumida única e exclusivamente na doença (NICKEL et al, 2016). Enquanto esse processo ocorre a família está sendo preparada para lidar com as respostas desse paciente, abrangendo também a relação com o luto.

Os enfermeiros entrevistados, ao realizarem o cuidado à criança, enfatizaram como primeira preocupação a necessidade de confortar à criança diante do seu estado de adoecimento, sendo esta ação, uma possibilidade de dar benefícios, melhorando a condição da criança (MONTEIRO et al, 2014).

A partir da singularidade de cada criança, o profissional enfermeiro deve compreender os fatores envolvidos na trajetória do paciente e de seus familiares, de forma a oferecer apoio, acolhimento e ajuda para a superação de um momento tão difícil (SEMTCHUCK et al, 2017).

Entretanto, segundo Lopes, Silva e Andrade (2007), o cuidar de crianças fora de possibilidades de cura em oncologia é bastante difícil, porque o enfermeiro, muitas vezes, não consegue lidar com a morte e o morrer como uma possibilidade do fim do ciclo da vida. Sendo assim, enquanto a criança se encontra num momento de maior necessidade de cuidado e atenção, os profissionais nem sempre estão preparados para compartilhar desse momento tão difícil (MONTEIRO, 2012).

Avanci explica a sensação de impotência que o enfermeiro sente ao lidar com a morte de uma paciente e diante da evolução negativa da doença, além do sofrimento advindo do envolvimento com a criança e sua família (AVANCI et al, 2009).

Percebe-se que os enfermeiros envolvidos tentam se convencer de que a morte é inevitável para lidar com toda a situação que lhe é imposta para administrar cuidado de uma criança. Por vezes o processo se torna mais difícil pois entende-se que na infância as crianças não deveriam se preocupar com uma doença que pode lhe tirar a vida. Além da criança os enfermeiros também tem um contato direto com os familiares que vivenciam o sofrimento e a impotência de não poder ajudar a criança em seu momento de dor.

Esta dificuldade pode ser explicada devido ao sentimento de sofrimento e à negatividade trazida pela certeza da morte, que são conduzidos por um sentimento de pena e fracasso profissional. Os enfermeiros, em sua maioria, apresentam grande desconforto em lidar com a morte da criança com câncer sob cuidados paliativos. Cuidar das crianças e de seus pais, nos momentos da terminalidade, consiste em grande desafio e grande angústia para os profissionais de saúde (AVANCI et al, 2009).

O enfermeiro tem o pesar do óbito da criança, e se agarra a realidade de que fez todo o possível diante do quadro apresentado. Enquanto presta o cuidado os profissionais desenvolvem métodos de cuidados paliativos para proteger a dignidade da criança, pois por vezes a dor dessa criança é complexa e requer uma atenção especial e um cuidado humanizado.

Segundo Monteiro (2014), dor é considerada um dos mais constantes sintomas do câncer disseminado. O controle da dor é considerado um princípio básico para a qualidade de vida, mas em crianças o tratamento da dor é bastante crítico, em virtude da dificuldade de aferir a grandeza da dor nessa faixa etária. Os cuidados realizados por esses enfermeiros são centrados em procedimentos para minimizar a dor e o sofrimento, características dessa fase da doença. O que deixa os enfermeiros bastante sensibilizados é a intensidade de dor, buscando medidas para melhorá-la, sempre, na etapa que precede a cada procedimento.

De acordo com Monteiro (2014), o enfermeiro tem como principal objetivo minimizar a dor e o sofrimento desta clientela. Embora vivenciem esta etapa da evolução da doença, os profissionais ainda tem grande sensibilização diante da dor do paciente na evolução do Câncer.

Segundo França (2013), os enfermeiros elucidam a importância da comunicação autêntica, uma maneira eficaz de se cuidar das crianças com câncer fora de possibilidades terapêuticas. As falas enunciam que a comunicação deve ser direcionada para todos os sentidos - para o modo verbal e o não verbal - e que a capacidade cognitiva e o nível de consciência e de orientação da criança são fatores essenciais para que a comunicação seja compatível com o seu nível de entendimento.

A família da criança com câncer

Diante dessa categoria, percebe-se a real necessidade do acolhimento à família neste momento. Desta forma torna-se inevitável a criação de vínculo com a criança e a família. Considera-se a comunicação como sendo uma ferramenta essencial. Quando se realiza uma comunicação efetiva, reduz-se a ansiedade dos pais e ajuda-os a aceitar o processo de hospitalização.

O modelo de Callista Roy se encaixa perfeitamente na relação da família que acompanha a criança com câncer e a criança que está vivendo com essa condição. A Teoria da Adaptação de Callista Roy tem como objetivo promover a adaptação do homem em situações de saúde e doença, abrangendo o indivíduo de modo integral e holístico (ALCÂNTARA et al, 2011).

Segundo Mutti CF et al (2012), o cuidado de enfermagem envolve o controle da dor e demais sinais e sintomas da ansiedade e depressão, além do compartilhamento das decisões do cuidar com a criança e sua família (Mutti C.F et al, 2012).

Deve-se levar em consideração que enquanto existir vida, existirá a necessidade de cuidado. O acometimento do câncer por si próprio já é um grande estigma na sociedade e se torna mais difícil quando atinge crianças, pois essas, pela linha da vida, deveriam estar apenas no começo de sua jornada. Torna-se mais complexo quando a criança está em cuidados paliativos, onde todas as possibilidades de cura foram esgotadas (SEMTCHUCK et al, 2017). Além de ser difícil para a criança, também é difícil para quem convive com ela.

Em consonância e de acordo com Semtchuck, Genovesi e Santos (2017):

A comunicação e participação da família devem ocorrer no processo de cuidados paliativos. A comunicação deve ser realizada de forma clara e concisa, o apoio deve ser ofertado em todos os momentos, mesmo que apenas por um olhar ou pela presença. A equipe deve focar sua assistência nos aspectos físicos e emocionais, aos valores culturais, religiosos e éticos, além

dos recursos materiais e humanos disponíveis, sempre visando a qualidade de vida com foco no bem-estar e respeito.

De acordo com Carmo e Oliveira (2014) e Semtchuck, Genovesi e Santos (2016), é possível observar que a comunicação entre enfermeiro e a família tem que ser totalmente esclarecida e respeitosa, pois o enfermeiro tem a percepção do cuidar; a família de como aquela criança vai aderir ao cuidado, e o profissional tem que estar sempre à disposição da família e da criança, visto que a família sofre junto, embora o intuito dos dois lados é dar o melhor conforto aquela criança.

Um outro ponto a ser analisado é a questão religiosa diante desse contexto. Os livros apontam que crenças religiosas estão relacionadas com melhor saúde, tanto física como mental, e qualidade de vida, assinalando que pessoas religiosas têm menos depressão. Também destacam o fato de que saber que sua família continuará recebendo suporte espiritual ajuda o enfermo a ter paz e encontrar conforto e força para lidar com essa situação (CERVELLIN & KRUSE, 2014).

Experiências clínicas têm mostrado que o planejamento familiar é afetado após o diagnóstico de câncer. Alguns estudos mostram famílias que ainda não haviam considerado o número de filhos completos, sendo que o aparecimento de uma doença crônica em um dos filhos fez com que todo planejamento fosse revisto (LOPES, 2000).

Cuidado humanizado

Nessa categoria, destaca-se a real importância da realização de um cuidado humanizado ao paciente, promovendo conforto à criança e sua família diante da doença. É possível reconhecer a importância de a instituição possuir brinquedos terapêuticos disponíveis para as crianças pois é uma ferramenta essencial para distração, alívio de inseguranças e medos.

Muitos enfermeiros tem dificuldades para cuidar de forma humanizada de pacientes oncológicos fora de possibilidade de cura, assim como têm dificuldades de lidar com o processo de morte e morrer. Isso tem relação com vários fatores, como a falta de oportunidades durante a graduação e de educação permanente. Percebe-se, assim, a necessidade de capacitação específica desses profissionais para cuidar desses pacientes.

O artigo de Monteiro et al, ressalta a importância de confortar a criança diante do seu estado de adoecimento. A ação de confortar é uma possibilidade de dar benefícios,

melhorando a condição da criança (MONTEIRO et al, 2014). Esse cuidado especial faz parte de uma prática humanizada diante desse momento de dor.

Segundo Lourdes Custódio Duarte, Maria (2010, p. 4) “Na Oncologia a gente não tem nenhum brinquedo pedagógico, não existe nada lúdico, para levar até o paciente, mesmo assim a gente tenta brincar, para amenizar um pouco e trabalhar de uma forma mais humana”. O brinquedo terapêutico faz parte do processo de humanização da assistência pois servem como fuga de realidade para a criança, conseguindo demonstrar através de brincadeiras seus medos, gostos dúvidas, entre outros, além de ajudar a desenvolver a parte mental.

De acordo com Xavier et al (2017):

Entre as características inerentes aos cuidados paliativos encontra-se a relevância da interação e do respeito de todos os envolvidos, visando o bem-estar do paciente que se sobrepõe a interesses diversos. Para tanto, há necessidade de ofertar educação permanente aos profissionais que trabalham com essa modalidade de cuidados e propiciar discussões sobre a prática dos cuidados paliativos com enfoque nos princípios bioéticos.

4. CONCLUSÃO

Compreendemos que o papel do enfermeiro no cuidado à criança com câncer é fundamental para a realização de uma prática humanizada e a aplicação de um cuidado paliativo.

Faz-se necessário que a família tenha respaldo psicológico para aprender a lidar com a situação e diminuir suas ansiedades quanto a doença e a hospitalização da criança.

Reconhece-se a necessidade de brinquedos e projetos terapêuticos para garantia de uma prática humanizada. Além disso, é importante que o enfermeiro tenha consciência de que o cuidar não pode ser mecanizado. É necessário que sempre tenha um olhar holístico para ofertar o melhor cuidado.

Ressalta-se a importância de que os enfermeiros tenham capacitação contínua e de caráter permanente para lidar com a doença, perdas, familiares e o vínculo com a criança com diagnóstico de câncer.

5. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M.R. et al (2011). Teorias de enfermagem: a importância para a implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem. Rev. Cie. Fac. Edu. Mei. Ambiente, 2 (2), 115-132, 2011. <https://doi.org/10.31072/rcf.v2i2.99>.

AVANCI, BS et al. (2009). Cuidados paliativos à criança oncológica na situação de viver/morrer: a ótica do cuidar em enfermagem. Esc. Anna Nery. Rev. Enferm. 13 (4),708-716. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452009000400004>.

BERTACHINI, L, PESSINI, L (2010). A importância da dimensão espiritual na prática dos cuidados paliativos. Rev Centro Universitário São Camilo. 4(3), 315-323.

BRASIL, Ministério da Saúde (2017). Protocolo de diagnóstico precoce para oncologia pediátrica. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília: Ministério da Saúde. <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//protocolo-de-diagnostico-precoce-do-cancer-pediatico.pdf>

CERVELLIN, AF; KRUSE, MHL (2014). Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: conhecer para governar. Esc. Anna Nery. 18 (1). <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140020>.

CARMO, S.A; OLIVEIRA, ICS (2015). Criança com câncer em processo de morrer e sua família: Enfrentamento da equipe de enfermagem. Revista Brasileira de Cancerologia. 61 (2), 131-138.

DUARTE, MLC; NORO, A. (2010). Humanização: Uma leitura a partir da compreensão dos profissionais da enfermagem. Rev. Gaúcha Enferm. 31 (4), 685-692. <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n4/a11v31n4.pdf>

FRANÇA, JRFS; COSTA, SFG.; NÓBREGA, MML; LOPES, MEL (2013). Cuidados paliativos à criança com câncer. 21 (2), 779-784.

FRANÇOSO, L. P.C. (2002). Vivências de crianças com câncer no grupo de apoio psicológico: um estudo fenomenológico (Tese de Doutorado), Faculdade de Filosofia,

Ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto. Recuperado de: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-03102005.../FRANCOSO_LPC.pdf [Links]

INCA (2019). O que é câncer? <https://www.inca.gov.br/o-que-e-cancer#:~:text=C%C3%A2ncer%20%C3%A9%20o%20nome%20dado,para%20outras%20regi%C3%B5es%20do%20corpo.>

INCA (2020). *Câncer infanto-juvenil*. <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-infantojuvenil>

LOPES, LF.; CAMARGO, B.; BIANCHI, A (2000). Os efeitos tardios do tratamento do câncer infantil. Rev.Assoc.Med.Brasil. 46 (3). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302000000300014>

LOPES VF, SILVA JLL, ANDRADE M. (2007). A percepção de profissionais de enfermagem sobre cuidados paliativos ao cliente oncológico pediátrico fora de possibilidade de cura: um estudo na abordagem fenomenológica das relações humanas. Online Braz J Nurs. 6(3).

MONTEIRO, ACM; MOREIRA, AC; RODRIGUES, B.M.R.D; PACHECO, S.T.A.; PIMENTA, L.S (2014). A atuação do enfermeiro junto à criança com câncer: cuidados paliativos. Rev. Enferm. UERJ. 22 (6), 828-833.

MONTEIRO, ACM (2012). O enfermeiro e a criança no contexto da doença oncológica fora de possibilidade de cura atual. 45 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade de Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MUTTI, CF; PADOIN SMM; DE PAULA, CC. (2012). Espacialidade do ser-profissional-de-enfermagem no mundo do cuidado à criança que tem câncer. Esc. Anna Nery. 16 (3).

NICKEL, L.; OLIARI, LP.; VESCO, SNP; PADILHA, MI (2016). Grupos de pesquisa em cuidados paliativos: a realidade brasileira de 1994 a 2014. Esc. Anna Nery. 20 (1), 70-76.

OLIVEIRA, P.P. et al (2017). Adolescentes em cuidados paliativos: um estudo fundamentado na teoria de Callista Roy. Rev. Enferm. UFPE on line, Recife, 11 (12):5163-5176. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i12a22604p5156-5162-2017>.

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. Folha informativa – Câncer. 2018. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5588:folha-informativa-cancer&Itemid=1094.

PEDRO, ENR, FUNGHETTO, SS (2005). Concepções de cuidado para os cuidadores: um estudo com a criança hospitalizada com câncer. Rev Gaucha Enferm. 26(2), 210-19.

SANTOS MCL, PAGLIUCA LMF, FERNANDES AFC (2007). Cuidados paliativos ao portador de câncer: reflexões sob o olhar de Paterson e Zderad. Rev Latino-Am Enfermagem. 15(2): 350-54.

SEMTCHUCK, ALD.; GENOVESI, FF; SANTOS, JL (2017). Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: Revisão integrativa. Rev. Urug. Enferm. 12 (1).

TELES, SS; VALLE, ERM (2009). Adulto sobrevivente de câncer infantil: uma revisão bibliográfica. Psicol. Estud. 14 (2): 355-363. ISSN 1413-7372.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000200017>.

WHO, WHA 70.12 – Cancer Prevention and Control in The Contexto of an Integrated Approach. 70° World Health Assembly. Geneve. Disponível em: http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA70-REC1/A70_2017_REC1-en.pdf?ua=1&ua=1#page=27

XAVIER, SS et al (2017). Cuidado Humanizado do enfermeiro ao paciente oncológico fora de possibilidade de cura. Revista saúde.com. 13 (4). <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/3616>